

VIGOTSKI E A *TRAGÉDIA DE HAMLET, PRÍNCIPE DA DINAMARCA*: A *CRÍTICA DE LEITOR* COMO LEITURA DISSONANTE

Livia Palhares Pozza¹
Lavínia Lopes Salomão Magiolino²

Resumo: Baseando-se na proposição da *crítica de leitor* de L. S. Vigotski sobre *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* (1916/1999), de William Shakespeare, este trabalho – decorrente de uma pesquisa de mestrado, de caráter bibliográfico e pautada na perspectiva histórico-cultural, – busca apontar a *crítica de leitor* do autor bielorrusso como uma leitura dissonante em relação às críticas da época e evidenciar, nos tempos atuais, possíveis inspirações para o trabalho com a literatura e a leitura no âmbito da educação escolar.

Introdução

Quantos de nós já não ouvimos falar sobre o dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616)? Muitos. E sobre a sua famosa tragédia sobre o príncipe Hamlet? Muitos também. É difícil não associar tudo o que ouvimos e lemos sobre o assunto com a imagem de um jovem, com uma espada na cintura, segurando um crânio e dizendo: “Ser ou não ser: eis a questão” (Ato III, Cena I)³. Tal imagem, criada por anos de tradição literária e senso comum permeia nosso imaginário cada vez que pensamos em Shakespeare e no contexto de sua obra. Mas *A tragédia de Hamlet*, vai muito além disso, colecionando extensos volumes de críticas, análises e estudos feitos por décadas.

É curioso pensar como as imagens a respeito das grandes obras da literatura vão se formando e ganhando sentidos em nossa imaginação com base em elementos que permeiam a nossa realidade. Contudo, a famosa imagem de Hamlet segurando o crânio e dizendo “To be or not to be” é dissonante da realidade descrita no texto de Shakespeare. De fato, há um momento em que o príncipe segura um crânio nas mãos e diz algumas palavras sobre a vida e a morte (Ato V, Cena I). Porém, isso ocorre momentos antes do funeral de sua então amada Ofélia que por loucura, após o assassinato do pai, põe fim à própria vida (Ato IV, Cena VII).

O crânio se trata do que antes houvera sido o bobo da corte da Dinamarca, Yorick. É uma passagem que dura tão poucas linhas, mas que a despeito disso é eternizada como a figura do quadro geral de *Hamlet*. Já a famosa frase “Ser ou não ser: eis a questão” (Ato III, Cena I), aparece no momento em que a corte, querendo testar a loucura de Hamlet, o coloca diante de Ofélia a fim de saber se a causa da loucura é o amor pela dama. Mas Hamlet se introduz no aposento com a famosa frase e filosofando sobre os desfechos da morte.

Mas como pensar em *Hamlet*, obra consagrada, como uma leitura dissonante? No trabalho do jovem Lev Semenovitch Vigotski (1896-1934), “A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca” de nome homônimo a obra de Shakespeare, podemos pensar a tragédia do príncipe de uma forma que destoa, que vai além da crítica consolidada até 1916 e as críticas que vieram

¹ Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas e autora da dissertação de mestrado que inspira este artigo: “Arte e educação estética na obra de L. S. Vigotski: um estudo teórico em diálogo com autores contemporâneos” (POZZA, 2018). Esta pesquisa de mestrado teve apoio financeiro do Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e Extensão – FAEPEX. E-mail: livpozza@gmail.com.

² Docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas e orientadora de mestrado da dissertação referida acima.

³ As citações das passagens da peça foram todas retiradas de: SHAKESPEARE, William. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. 1ª Ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

após esse período até os dias atuais. O autor bielorrusso, no turbilhão de acontecimentos que precederam a revolução Russa, por volta de seus dezenove anos, conclui seus estudos na Universidade Popular de Chaniávski e entrega como monografia uma apaixonada crítica sobre esta obra de Shakespeare – um dos livros que mais marcou sua vida, se não o que mais marcou, além da obra do filósofo B. Espinosa (1632-1677).

Nesse trabalho, Vigotski (1916/1999) se propõe a fazer uma análise de *Hamlet* por outra ótica. A intenção do autor é fazer o que ele denomina de *crítica de leitor*. A *crítica de leitor*, explicitada e cunhada por Vigotski, trata-se de *uma* das possibilidades de leitura da obra de arte, e não a única, pois Vigotski afirma ser possível fazer da obra de arte inúmeras interpretações.

No incontável número de possibilidades, o autor enxerga o caráter inesgotável da obra de arte. Assim, demarca serem estéreis as tentativas de estabelecimento de uma norma única para a interpretação de qualquer obra. Vale ressaltar que Vigotski (1916/1999) não rejeita as interpretações e críticas já consolidadas, porém acredita que a chamada “crítica dos críticos” é apenas *uma* das possibilidades dentro do campo da crítica literária.

Assim, apontamos esse trabalho de Vigotski como uma leitura dissonante, que destoa das demais críticas feitas à Shakespeare até então, pois o autor, ao realizar seu trabalho, fez o contrário do que os críticos literários vinham fazendo há séculos.

A crítica de leitor de L. S. Vigotski

A *crítica de leitor* é denominada por Vigotski (1916/1999) como uma crítica estética, de caráter subjetivo e que busca evidenciar as impressões artísticas imediatas suscitadas no leitor. É uma crítica considerada também diletante, ou seja, a crítica de alguém que não está necessariamente inserido no campo da crítica literária, e é feita de forma apaixonada. Ao longo de todo o texto, vemos essa paixão de Vigotski pela obra de Shakespeare brotar das linhas de seu trabalho.

Vigotski (1916/1999) descreve três características para a *crítica de leitor*. A primeira delas é relativa a uma questão levantada por alguns biógrafos a respeito da identidade de Shakespeare. Para alguns, jamais existiu um William Shakespeare, mas este foi o pseudônimo de Francis Bacon (1561-1626). Porém, para Vigotski, essa questão não é relevante para a sua crítica, pois a identidade do autor da obra não faz diferença. O importante para a *crítica de leitor* está na produção da obra de arte, porque, uma vez produzida, ela já não pertence mais ao seu autor, seus desdobramentos se realizarão no espectador/leitor. Essa é uma característica diletante da leitura feita por Vigotski, porque enquanto muitos críticos buscam tentar explicar a obra de arte por meio da vida e identidade do autor, Vigotski se foca apenas no que foi produzido.

A segunda característica da crítica se encontra na relação que ele tece com as críticas já existentes sobre a tragédia de *Hamlet*. Vigotski (1916/1999) não compreende a obra de arte como contendo uma ideia central, que norteia sua composição e foi intencionada pelo autor. Pensa o contrário. Para ele, “Toda obra de arte é simbólica, e é infinita a variedade de interpretações que suscita.” (VIGOTSKI 1916/1999, p. XXI).

Com base nas ideias de A. A. Potiebnyá (1835-1891), para quem a essência da obra de arte é considerada a partir de suas possibilidades, e não de uma ideia norteadora, o autor é contrário à “crítica dos críticos”, que busca consolidar uma verdade única para a interpretação das obras de arte, além da noção de que a obra pertence ao autor. Nesse sentido, a proposição de Vigotski (1916/1999) é mais uma vez dissonante. Para ele, a obra de arte só existe como obra a partir do espectador/leitor.

A terceira e última característica da *crítica de leitor* é o objeto da pesquisa. Nesse sentido, a crítica vigotskiana toma a obra de arte em si mesma, ou seja, o “valor absoluto da obra de arte” (VIGOTSKI, 1916/1999, p. XXIII), que significa que, para este fim específico, a crítica

se dá sobre o texto da tragédia, o escrito de Shakespeare, e não as montagens⁴ ou as críticas feitas sobre a obra.

Portanto, a *crítica de leitor* não visa interpretar a peça. Nas palavras do autor, “Projetado em técnicas de pesquisa, isso significa que nosso estudo não precisa levantar nenhum problema levantado de fora” (VIGOTSKI 1916/1999, p. XXVIII). Quer dizer, Vigotski levanta alguns pontos que já foram levantados anteriormente por outros críticos, mas afirma ser feito de outro aspecto da tragédia de Hamlet.

Esse outro aspecto de que fala o autor, é que, ao contrário das compreensões já feitas, de cunho psicológico, histórico-literário, biográfico, entre outros, a interpretação crítica de Vigotski “toma por base, por ponto de partida, a inexplicabilidade da relação entre os acontecimentos e a própria imagem de Hamlet” (VIGOTSKI, 1916/1999, p. XXIX). O autor parte justamente desse ponto, do mistério e do ininteligível, pois para ele, este é o núcleo da tragédia.

Para o autor, o mistério é o papel central de *Hamlet*. Portanto, ele busca interpretar “A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca”, como *mito*. Ou seja, interpretá-la como verdade: “é ver no texto da peça a verdade, sem as demais críticas, sem a explicação e ideia do autor. A verdade de *Hamlet* é o próprio *Hamlet*. Se a obra de arte é concebida como símbolo, ela não o é de forma alegórica, mas real” (POZZA, 2018, p. 37, grifos na fonte).

Segundo Vigotski, essa realidade é: “realidade última, indemonstrável como verdade-realidade triunfante” (VIGOTSKI, 1916/1999, p. XXX), e, como indemonstrável, *mística*⁵. Nas palavras do autor, “O tema deste ensaio é o mito da tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca. O mito como verdade religiosa (segundo a categoria gnosiológica) revelada em uma obra de arte (tragédia)” (idem). Desta forma, segundo POZZA (2018):

A verdade revelada de Hamlet é a própria obra Hamlet, o próprio texto, e não suas críticas e interpretações. É mística, pois a crítica de leitor passa por aquele momento da percepção estética que é intraduzível em palavras (do crítico-leitor), é uma experiência para o leitor, assim como o são as experiências tomadas como místicas (p. 37)

Outra característica da *crítica de leitor* de Vigotski (1916/1999) é a forma como o autor enxerga a figura de Hamlet. Enquanto os críticos consideravam falhas na própria composição de Shakespeare que trazia um herói como Hamlet, um personagem louco ou covarde, Vigotski toma sua leniência e dificuldade de agir e levantar a espada para vingar o pai como uma característica relacionada ao *drama*⁶ das relações humanas, ou seja, ao choque de papéis enfrentado pela personagem, sendo Hamlet ao mesmo tempo o filho de um pai assassinado pelo tio, o sobrinho desse tio com quem a mãe é casada e o príncipe da Dinamarca e sucessor da coroa.

A crítica de leitor: inspirações para leituras dissonantes na escola

No âmbito da educação, Vigotski, na totalidade de seus escritos, nos deixou inúmeras pistas para pensarmos e repensarmos a prática escolar, tanto na educação em geral, quanto na educação estética em particular, na qual se inserem as ideias deste artigo. No caso de Hamlet, ao se distanciar da “crítica dos críticos”, Vigotski coloca o leitor no lugar de também produtor da obra de arte.

⁴ Embora a ideia da *crítica de leitor* seja não buscar elementos de fora, a montagem de *Hamlet* apresentada no Teatro de Arte de Moscou em 1911-12, dirigida e montada por Stanislavski (1863-1938) e Craig (1872-1966) exerceu grande influência sobre Vigotski à época da escrita desse trabalho (MARQUES, 2015).

⁵ As questões relacionadas ao *mito* e ao *místico* permeiam toda a *crítica de leitor* de Vigotski (1916/1999). Porém, uma discussão mais aprofundada dessas categorias foge aos propósitos deste artigo.

⁶ Tema desenvolvido em trabalho posterior, no *Manuscrito de 1929* (VIGOTSKI, 1929/2000).

A ideia de o leitor ocupar o lugar de também participante da obra de arte era revolucionária e dissonante em 1916, quando o que havia eram extensos volumes de críticas a respeito de *Hamlet*, com ideias hegemônicas. Tal ideia continua sendo dissonante, nos tempos atuais, mesmo um século depois, como vem acontecendo também em outras linguagens artísticas, como as performances e instalações, por exemplo. Vigotski aborda o campo da literatura do ponto de vista da imponderabilidade, do inacabado e da abertura às (in)finitas possibilidades.

As características da *crítica de leitor* de L. S. Vigotski podem ser interpretadas como possibilidades de leituras dissonantes diante das leituras e críticas literárias consolidadas. Mas, para além disso, nos remetem às práticas de leitura no contexto escolar e nos fazem pensar nos sentidos/significados sobre a relação da literatura na escola e os modos e práticas de leitura na educação como um todo. Com base nessas características podemos pensar no leitor como (co)criador e participante da obra de arte que aprecia e vivencia, na medida em que cada leitor produz seu próprio *Hamlet* e tem autonomia para se pensar a respeito de sua própria leitura e interpretações.

Essa concepção vai de encontro a práticas já consolidadas nas escolas em que determinado livro ou texto literário é trabalhado com finalidades já prontas, interpretações únicas, como por exemplo, o uso de fichas de interpretação de texto em que as respostas já estão dadas na leitura hegemônica, geralmente, proferida pelo professor e por algum papel de autoridade. Para além da educação básica, com a inspiração na proposição da crítica de leitor de Vigotski, podemos possibilitar aos leitores, também nos níveis do ensino superior, a ousadia que muitas vezes falta ao significar, independente de modelos e concepções prontas, suas próprias noções de uma obra, seja ela de cunho artístico, técnico ou acadêmico.

Em vias de conclusão, em que mais se abrem esferas para discussão do que se fecham, podemos pensar as práticas de leitura e o trabalho com literatura nas escolas, e inspirando-se em Vigotski (1916/1999), colocar os alunos também nessa posição de criadores, participantes de uma obra de arte e da produção cultural da humanidade.

Desta forma, pensar a leitura – de textos literários, de obras de arte, etc. – pela ótica de Vigotski, como uma leitura dissonante é expandir a visão e a relação que tecemos com a leitura e a literatura em geral, e no ambiente escolar, em particular, a fim de enriquecer as práticas de leitura e o trabalho com a literatura em sala de aula. Com isso, tal trabalho é encarado como locus de produção de leituras dissonantes e criação de dissonâncias e não mera legitimação e consolidação de saberes e práticas.

Referências

MARQUES, P. N. *O Vygótsky incógnito: escritos sobre arte (1915-1926)*. 2015. 317 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

POZZA, L. P. *Arte e educação estética na obra de L. S. Vigotski: um estudo teórico em diálogo com autores contemporâneos*. Campinas, SP, 2018, [s.n.]. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2018.

SHAKESPEARE. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

VIGOTSKI, L. S. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1916/1999.

_____. Psicologia concreta do homem. *Educação e Sociedade*, ano XXI, n. 71, jul. 2000 (1929/2000).